

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

A serviço de terceiros

Ao pedir ao Supremo Tribunal Federal que reveja a decisão do ministro Alexandre de Moraes sobre a suspensão do Telegram no Brasil, a Advocacia-Geral da União (AGU) abriu a guarda para os opositores do governo. Na oposição, já tem gente estudando se uma instituição pública pode advogar em favor de uma empresa estrangeira, que não tem sequer representação no Brasil. À primeira vista, a avaliação é a de que os donos do aplicativo deveriam resolver seus problemas. Afinal, não é um assunto de governo.



G O M E Z

Lições da guerra I

Militares brasileiros acompanham a guerra na Ucrânia de olho nas novidades em termos de armamentos e estratégia. Até aqui, os mais atentos destacam dois pontos que merecem todo um estudo mais acurado nessa tragédia: a guerra da comunicação e a cibernética.

Lições da guerra II

Hoje, invasão de computadores pode paralisar um país. Quanto à comunicação, os militares brasileiros estão convictos de que esta é a grande guerra do momento. Até aqui, Putin perdeu a primeira e tenta se segurar na segunda.

Lula versus Moro

O PT e Lula estão convencidos de que o ex-juiz Sergio Moro será mesmo candidato ao Planalto. Isso significa que vai para a vitrine eleitoral o fato de Lula ter sido preso pela Lava-Jato e ter parte de seus processos extintos ou suspensos por questões processuais e não por inocência pura e simples.

Chama para o ringue

A intenção de alguns petistas é mencionar em todas as oportunidades daqui para frente algo bem parecido com o discurso de Lula na filiação do ex-senador Roberto Requião ao partido. Na terra do ex-juiz, Lula o chamou de “mentiroso”. A intenção dos petistas é desgastar ainda mais o ex-juiz até agosto, quando a campanha começa de fato.

Heinze, o futuro ministro

É assim que os líderes do Partido Progressista têm se referido ao senador Luís Carlos Heinze (PP-RS). Ele é o nome para comandar o Ministério da Agricultura, de forma a acomodar a base aliada no Rio Grande do Sul e deixar o caminho mais livre para o ministro do Trabalho e Previdência, Onyx Lorenzoni, concorrer ao governo estadual.

CURTIDAS

Fato consumado.../... mas pode mudar. Luís Carlos Heinze acaba de fechar aliança com o PTB para a eleição do Rio Grande do Sul e, inclusive, recebeu a vereadora de Porto Alegre Tanise Sabino (PTB) como candidata a vice na chapa para o Palácio Piratini. Se for mesmo escolhido ministro, a chapa se desfaz. Pelo menos é essa a avaliação no PP.

Discurso pronto/ A queda do número de casos e de mortes por covid-19 levou o governo a marcar uma reunião para esta semana na Casa Civil, a fim de rever o decreto de emergência em saúde adotado no início da pandemia. A ideia é deixar claro que o presidente Jair Bolsonaro se preocupou com os efeitos da covid-19 no país, tanto é que havia essa legislação.

Agora é a economia/ A ideia que prevalece no Poder Executivo é a de que a pandemia acabou e que sobraram os problemas econômicos que o presidente havia alertado desde o início. É por aí que será construído o discurso eleitoral.

Por falar em pandemia.../ Nos supermercados e no transporte público, a maioria dos usuários não dispensou a máscara de proteção. Afinal, diz o ditado popular, prevenir sempre foi melhor do que remediar.

ELEIÇÕES / Classe política avalia o crescimento do presidente nas últimas pesquisas de intenção de voto. Com a terceira via patinando e sem um candidato em alta entre o eleitorado até agora, polarização com Lula deve aumentar

De olho na ascensão de Bolsonaro

» CRISTIANE NOBERTO
» TAINÁ ANDRADE

Jane de Araújo/Agência Senado



Mecias de Jesus: “Na dificuldade, Bolsonaro não deixou que os municípios falassem”

Enquanto a terceira via patina, o presidente Jair Bolsonaro (PL) vem se recuperando em todas as pesquisas de intenção de votos. Parte do apoio vem do eleitorado que já esteve do lado dele, outros são os arrependidos de tê-lo eleito, que até flertaram com outros candidatos para as eleições de outubro, mas não conseguiram se identificar o suficiente. Agora, estão se reorganizando em torno do chefe do Executivo, aumentando gradativamente sua popularidade.

O crescimento de Bolsonaro se dá especialmente porque nenhum candidato da terceira via sozinho consegue empolgar os eleitores. Além disso, a maneira que Bolsonaro tem utilizado a caneta desperta a atenção de diversas camadas do eleitorado. Por exemplo, na última semana, ele entregou mais uma série de “pacotes de bondades”, desta vez, focando na reestruturação da economia, especialmente para as pessoas de mais baixa renda. Assim, faz parte da estratégia de reeleição conceder benefícios assistenciais aos mais pobres como uma forma de se conectar com o eleitorado do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), seu principal adversário.

De acordo com o líder do Republicanos no Senado, senador Mecias de Jesus (RR), a recuperação do eleitorado do presidente já era esperada e tem base na forma como as ações populares vão se consolidando. “É natural que ele tenha recuperado o capital que até ele mesmo afastou. Esse eleitor não estava perdido, estava distante em razão do clima que se formou no país. A maioria da rejeição de Bolsonaro foi criada pelo próprio presidente,

quando falava o que não estava no script. Mas essa rejeição não se compara com a onda de corrupção feita pelo PT no país. Ninguém quer voltar para isso. Contudo, na dificuldade, Bolsonaro não deixou que os municípios falassem, ele abriu os cofres para manter o equilíbrio. Foi tão drástico que se ele não fizesse isso, o país estaria numa desgraça. Então, as pessoas começaram a ver isso”, avaliou o parlamentar.

A ascensão do presidente também já era de certa forma esperada pela oposição. Há cerca de três semanas, Lula afirmou ser natural o chamariz em torno de Bolsonaro, porque o

presidente antecipou a campanha ao mandar seus ministros pelo país “abrindo sacos de bondades”. Houve também a substituição do Bolsa Família pelo Auxílio Brasil, ofertando R\$ 400, quase o dobro do programa petista. Ainda que o valor tenha prazo de validade, dá um clima de felicidade para os mais necessitados. “Para nós, esse crescimento, ainda que moderado, não é surpresa. Ele pode pegar antecipadamente os votos úteis e sepultar a terceira via”, disse um aliado de Lula.

Outro motivo dessa recolocação é que, a grande aposta de substituição do presidente para o

eleitorado de direita, era o ex-juiz Sergio Moro. Tido como o único que poderia capturar os votos daqueles que se decepcionaram com o governo, agora enfrenta rejeição da classe política e, perante aos cidadãos, não deixa claro as intenções e propostas. Além disso, quando surgiu, focou em parecer uma espécie de “Bolsonaro bonzinho”, ao resgatar mensagens e linguagens da campanha de Bolsonaro em 2018, mas a população não comprou.

O ex-juiz também se perdeu na pré-campanha e agora tem uma porção de votos muito limitada, focada especialmente nos apoiadores da Lava-Jato. De

acordo com Matheus Albuquerque, sócio da Dharma Politics, a antipatia dos eleitores mais ferrenhos dos candidatos mais competitivos soma-se à dificuldade do ex-ministro em convencer os indecisos. “Desta forma, a desidratação de Moro nas pesquisas gera, como resultado, a migração de intenções de voto — conservador, evangélico, de direita — para Bolsonaro. Essa migração de votos de um candidato de direita para outro candidato de direita traz atenção para dois elementos: as eleições de 2022 serão marcadas por forte polarização e pelo voto útil”, afirmou.

O antipetismo também é figurinha carimbada no discurso de Bolsonaro. De acordo com Orlando Thomé Cordeiro, consultor em estratégia, esse elemento ainda vai ser forte nas eleições e poderá ser decisivo. O presidente também deve utilizar pontos que Lula não consegue de fato comprovar. Pois, apesar de a Justiça ter retirado as condenações do petista, nenhuma delas foi por absolvição e, sim, por questões de trâmite processual, desta forma, Bolsonaro consegue incitar o sentimento contra o ex-presidente e o partido dele. Contudo, as pesquisas mostram que, diferentemente de 2018, o antibolsonarismo é ainda mais forte neste momento.

“Essa polarização se mantendo,

vamos ver qual dos dois sentimentos vai ser predominante. Não considero, apesar de as pesquisas indicarem, uma vitória de Lula sobre Bolsonaro. É possível, num eventual segundo turno, que Bolsonaro seja vitorioso, porque, além desses sentimentos, é preciso considerar o nível de rejeição, que também é muito alto. Muita gente não vai votar a favor ou porque gosta do candidato, mas sim contra”, afirmou. Segundo a última pesquisa da Genial Quaest, lançada na quarta-feira, cerca de um quarto dos eleitores não quer nenhum dos dois ocupando a cadeira no Palácio do Planalto.

Thomé avalia que, se não houver um grande movimento de articulação, como a unificação em um único candidato que resgate o sentimento, nem Lula nem Bolsonaro, a terceira via continuará patinando. Alguns dos partidos ainda tentaram começar a articulação,

caso do PSDB, MDB e o União Brasil, que chegaram a cogitar a possibilidade de retirar suas candidaturas em prol de apenas uma. Mas a ideia vem sendo corroída aos poucos. O emedebista Baleia Rossi (SP) já decidiu manter a senadora Simone Tebet (MS) no páreo e os tucanos estão prestes a perder o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, para o PSD e, assim, a terceira via vai ficando apenas mais acumulada.



É possível, num eventual segundo turno, que o Bolsonaro seja vitorioso, porque além desses sentimentos, é preciso considerar o nível de rejeição, que também é muito alto”

Orlando Thomé Cordeiro, consultor em estratégia